

CONFIANÇA DO AGRONEGÓCIO

Roberto Rodrigues*

Como é sabido, 2018 foi um excelente ano agrícola em quase todas as regiões brasileiras, com chuvas regulares e abundantes, o que levou a boas produtividades na maioria das culturas. Os preços estiveram razoáveis de uma maneira geral, de modo que os agricultores não tiveram razões para queixas. Mesmo para os produtos exportados, o comportamento do câmbio não foi desfavorável. Com isso, pode-se afirmar que na média houve uma boa capitalização dos agricultores. Naturalmente, falar de médias sempre provoca algum desvio quando se baixa a atenção para regiões ou produtos específicos. A cana de açúcar, por exemplo, foi muito prejudicada, seja por causa da falta de chuvas que afetou duramente a região sudeste, seja pelos preços baixos em função de uma elevada oferta de açúcar no mercado internacional. O setor de aves e suínos teve perdas pesadas por causa da operação Trapaça que fechou alguns frigoríficos estratégicos deixando centenas de integrados na mão. E os preços do café estiveram baixos, mas a alta produtividade (com uma safra recorde de mais de 61 milhões de sacas) compensou em parte este fato, o que não ocorrerá no ano corrente. Leite vive também um período ruim, inclusive com importações que destroem a renda dos nossos produtores que já estão fazendo uma oferta generosa do produto.

A safra de grãos foi recorde e o ano foi fechado com geral alívio. Não se pode dizer o mesmo da safra que será colhida em 2019. As chuvas, que até começaram mais cedo, permitindo a antecipação do plantio de soja (e com isso aumentando a janela para uma expansão da área de milho de segunda safra), escassearam a partir de dezembro e ficaram irregulares em muitas regiões, levando a uma redução das expectativas de produção física. A soja foi muito afetada: da previsão inicial de uma safra de 123 milhões de toneladas já se fala agora em menos 15%. Salvo no estado do Mato Grosso, onde a colheita será cheia, em todas as demais regiões a quebra será relevante. E os preços ainda não estão reagindo, não estão subindo como seria de esperar. Como resultado, as margens dos agricultores serão bem estreitas, quando não negativas. Como os 2 ou 3 anos anteriores foram positivos, será possível absorver estas perdas de 2019, sem grande quebradeira no caso da soja, salvo para quem fez investimentos muito altos ou tiver produtividade muito baixa.

Já os produtores de cana estão numa situação muito pior. Veem de dois anos de renda negativa por causa de preços e produtividade. E não será diferente em 2019, de modo que este segmento terá uma crise acentuada. Não é por outra razão que muitos produtores estão saindo da cana e migrando para outros produtos como soja ou culturas permanentes como laranja ou café. E muitas usinas que já vinham apertadas poderão encerrar atividades.

O setor citrícola deve ter uma safra um pouco maior este ano do que no passado, mas como os estoques de suco estão menores, os preços não deverão cair.

O cenário é favorável para o algodão. Ainda é cedo para previsões para o milho, uma vez que a safra de inverno está sendo plantada agora e não sabemos

como o clima vai correr neste ano em que o El Niño tem feito muitas vítimas fatais.

E as carnes deverão ter um cenário equilibrado em relação ao ano passado, salvo se surgirem novas crises no setor de defesa sanitária.

Mas no final das contas, 2019 será um ano pior do que 2018, e este desenho já se anunciava em dezembro passado.

No entanto, o Índice de Confiança do Agronegócio medido a cada trimestre pela OCB e pela FIESP mostrou o maior valor desde que foi criado para o quarto trimestre de 2018. Chegou a 115,8 pontos, um aumento de 15,4 pontos sobre o trimestre anterior. Segundo a metodologia, resultados acima de 100 indicam otimismo e abaixo, obviamente, pessimismo. Claro que isso se deve aos bons resultados da safra em geral, mas também traduz uma expectativa favorável quanto ao futuro da economia brasileira. As entrevistas foram realizadas no final de novembro e começo de dezembro, depois das eleições para a presidência da República, e a vitória de Jair Bolsonaro trouxe um otimismo quanto a um ambiente de negócios mais favorável. Essa reação otimista de caráter eminentemente político é real, e foi sentida igualmente na passagem do primeiro para o segundo trimestre de 2016, com o afastamento de Dilma Rousseff. O fator político, portanto, tem tão grande valor relativo para a composição do ânimo dos produtores rurais quanto os resultados da safra. Resta saber como ficará o Índice de Confiança do Agronegócio neste primeiro trimestre meio pantanoso que estamos atravessando. Se as reformas do novo governo avançarem, teremos um fato político superpositivo, o que deverá influir para um índice ainda alto. Mas é possível que a frustração da safra tenha uma ação redutora de entusiasmo.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas**